

Baiacool leva blues nacional e internacional ao Farol Velho, em Salinas

EM SALINAS

Veranistas curtiram o som de Mark Lambert e Fernando Noronha & Black

GUTO LOSATO
Do SalinasPA

O entardecer quente e úmido do último sábado em Salinas já anunciava que a noite tardaria a chegar. Enxada como um acolhedor pôr-do-sol sem muitas nuvens para deixar o ambiente mais adequado à musicalidade do Baiacool Jazz Festival de Verão, festival organizado aos finais de semana de julho na Praia do Farol Velho, uma das preferidas pelo veranista paraense, com apoio da Lei Semear de Incentivo à Cultura.

Depois de estrear no sábado refrasado com um show descontraído e elogiadíssimo da Amazônia Jazz Band, a quinta edição do evento novamente reuniu centenas de amantes de boa música no último sábado, desta vez para assistir a duas atrações de peso do cenário blues nacional e internacional: os brasileiros Fernando Noronha & Black Soul e o guitarrista norte-americano Mark Lambert.

Por volta de 16h, os jovens do Fernando Noronha & Black Soul subiram ao palco, enquanto uma tímida platéia ainda começava a se formar. Com mais de uma década de estrada, o grupo natural do Rio Grande



O brasileiro Fernando Noronha & Black Soul animou o verão de Salinas, no Baiacool

do Sul pisou pela primeira vez em solo paraense, mas parecia ter intimidade com o ambiente tropical. Fernando Noronha (guitarra e voz), um bluesman nato, fez questão de deixar um recado ao público antes do show começar: "Esse sol, esse calor e essa vista para o mar estão maravilhosos". Daí em diante, a banda executou, por quase duas horas, sons nostálgicos, que à primeira vista pareciam remeter a algum artista desconhecido dos Estados Unidos, mas não: o repertório era todo - ou melhor, quase todo - autoral.

Dos seis CDs lançados pelo grupo até agora, vieram diversas canções de peso, mas

ainda desconhecidas pelo público paraense, como "Ain't no angel", "Think about you baby" e a recente "Bring it". Mesmo assim, não faltaram momentos destinados ao entretenimento do espectador novato, com hits de gigantes da música-americana como B.B. King, Rory Gallagher e Chuck Berry. Talvez por isso, a mesma platéia que veio chegando devagarinho pouco tempo depois já dançava empolgada ao som do quarteto composto por Noronha, Roni Martinez (bateria), Luciano Albo (baixo) e Luciano Leães (teclado, que não pôde vir ao show por estar em recuperação de uma cirurgia).

Na metade do show, alguns problemas no som atrapalharam a execução de músicas autorais, mas o clima não foi embora com facilidade. Noronha brincou, interagiu com o público, solou com feeling e sem excessos e avisou que o final do show seria especial: "Espero que o Jimi Hendrix esteja ouvindo essa". E assim, sem se preocupar com o tempo estipulado pela produção, o trio encerrou o show com um número instrumental de mais de dez minutos, mesclando melodias históricas do guitar hero e solos improvisados que anteviram o pôr-do-sol com muito estilo.

Passada a apresentação dos gaúchos, subiu ao palco o norte-americano Mark Lambert, velho conhecido por suas andanças pela capital paraense. Com uma carreira que já soma pelo menos uns dez anos, entre trabalhos-solo e parcerias com artistas como Mike Mainieri, Bob Mintzer, Jimmy Scott, David Benoit, Phoebe Snow e as brasileiras Astrud Gilberto e Bebel Gilberto, o guitarrista, cantor e compositor especializado em vários ritmos subiu aos palcos minutos antes da preamar, quando as ondas do mar quase batem na concha acústica montada em plena areia.

Ovacionado pelo público - que já pôde conferir shows do guitarrista em locais como o Memorial dos Povos e o Baiacool Jazz Club, em Belém -, Lambert tocou do jeito que gosta: acompanhado de uma trupe local, com a qual poucos ensaios e muita intimidade são elementos necessários. A seu lado, estavam Minni Paulo Medeiros (baixo), dono do Baiacool Jazz Club e um dos manda-chuvas do festival de verão; Magrus Borges (bateria), paraense que reside nos Estados Unidos e, por lá, já fez vários shows e turnês com o norte-americano; e Robenna-re (teclado), outro músico residente do Jazz Club e parceiro de longa data do festival. Ao lado dos músicos locais, Mark mostrou ao público como se faz um bom blues sem perder a identidade, mesclando jazz, pop, música clássica e

até mesmo algo de MPB a seus arranjos.

Do repertório constaram canções de seu primeiro CD solo "More than friends" (1999), tudo isso junto a composições já conhecidas pelo público como "Forest flower", "Without a song" e "If you would stay". Além do trabalho autoral, clássicos de Ray Charles e B.B. King também entraram no repertório - não apenas para atender às expectativas do público, mas também pela admiração pelos criadores do gênero, como disse o cantor em entrevista a O LIBERAL, logo antes de subir ao palco. "Fui criado nessa escola musical, então o público merece conhecer a fundo o que me influenciou enquanto artista. Sem contar que há um tempero todo especial com esse ambiente informal de praia. É um contraste muito saboroso", comenta ele, que já participou do Baiacool Jazz Festival no ano passado e avalia positivamente a iniciativa.

"Uma das premissas da música é que ela deve romper fronteiras, quebrar o preconceito de gêneros e atingir a um público cada vez mais amplo e eclético. Tocar em uma praia não é uma experiência legal só para nós, que estamos no palco, mas também para o pessoal que ouve sempre as mesmas coisas no verão e quer variar, curtir algo de novo. Espero que o público goste como estamos gostando de tocar aqui", disse. Ao que tudo indica, as expectativas foram atendidas.